

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ADHARA ALICE FONTES LIMA

**BRASIL PELOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A
NATUREZA NA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL (2000-2004)**

UBERLÂNDIA
2026

ADHARA ALICE FONTES LIMA

**BRASIL PELOS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A
NATUREZA NA REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL (2000-2004)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia (UFU) como exigência parcial para a
obtenção de Título de Graduação em História –
Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

UBERLÂNDIA
2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L732 2026	Lima, Adhara Alice Fontes, 2004- Brasil Pelos Brasileiros [recurso eletrônico] : uma análise das narrativas sobre a natureza na revista National Geographic Brasil (2000-2004) / Adhara Alice Fontes Lima. - 2026. Orientador: Marcelo Lapuente Mahl. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em História. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. 1. História. I. Mahl, Marcelo Lapuente, 1974-. (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em História. III. Título. CDU: 930
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl
(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu
(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Profa. Dra. Ana Paula Spini
(Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as narrativas presentes nos artigos da Revista National Geographic Brasil, por meio da comparação entre aqueles escritos por autores brasileiros e os escritos por autores estrangeiros. Essa análise foi possível devido à catalogação feita anteriormente com as revistas, contempladas entre os anos de 2000 a 2004, que buscou resumir e otimizar o momento desta atividade. A partir desta investigação buscou-se compreender o que estava sendo dito, as motivações e os meios usados pelos autores para tal. Para isto, este trabalho foi dividido em dois momentos, sendo o primeiro destinado a apresentação do catálogo e de sua construção, seguido da análise destas narrativas por meio da investigação dos textos e fotografias. O segundo momento é dedicado a reflexão e discussão de tais temas em sala de aula, sendo proposto uma sequência didática a ser desenvolvida nas aulas de História do Ensino Médio. Sendo assim, esta pesquisa visa principalmente contribuir com o debate acerca das narrativas que entrelaçam meio ambiente e História presentes na National Geographic Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: National Geographic Brasil; Análise de Narrativas; Ensino de História.

ABSTRACT

This final undergraduate thesis aims to analyze the narratives present in the articles of National Geographic Brazil magazine by comparing those written by Brazilian authors with those written by foreign authors. This analysis was made possible by a prior cataloging of the magazines from the years 2000 to 2004, which sought to summarize and optimize this stage of the activity. Through this investigation, the study sought to understand what was being said, the motivations, and the means employed by the authors to do so. To this end, the work is divided into two parts. The first is dedicated to presenting the catalog and its construction, followed by an analysis of these narratives through the examination of texts and photographs. The second part is devoted to reflection and discussion of these themes in the classroom, proposing a didactic sequence to be implemented in High School History classes. Thus, this research primarily aims to contribute to the debate on narratives that intertwine environment and History in National Geographic Brasil.

KEYWORDS: National Geografic Brazil; Narrative Analysis; History Teaching.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aqueles que sempre foram meus professores da vida, meus pais, Ádria e João Donizete. Sem o suporte e o incentivo dado, desde a infância, para os estudos, meus esforços não teriam sido o suficiente. Hoje posso me orgulhar de me formar professora, pois eles sempre me fizeram ver essa profissão como sendo a de mais alta importância.

Agradeço especialmente à minha irmã, Adhaisa, por ser minha melhor amiga e minha maior incentivadora. Obrigada por sempre ter acreditado em mim, por me ouvir, por se alegrar a cada pequena conquista e por me incentivar a cada dificuldade.

Agradeço aos amigos e amigas por dividirem comigo essa caminhada e tê-la tornado mais leve. Em especial aos integrantes do grande CC' Union, Isadora, Luiza, Maria Gabriela, Mabel, Thais, Nikollas, Caíque e Miguel. Agradeço também a Mickely e a Duda pelos desabafos, trocas de experiências e amizade. Agradeço especialmente ao Gabriel, que foi meu co-orientador, por toda paciência e ajuda com as infinitas dúvidas surgidas na construção deste trabalho.

Agradeço ao PIBID, e a todos nele envolvidos, que foram de grande importância para a transformação que tive, não somente como futura docente, mas como pessoa, ao enxergar que todos merecem e são capazes de aprender, ao lidar com as diferenças e particularidades do outro, e ao perceber que a educação muda não somente os alunos, como também os professores.

Agradeço à minha psicóloga, Rafaela, por toda escuta, paciência e suporte, principalmente nesses últimos e intensos meses de graduação.

Agradeço ao professor Marcelo pela orientação, apoio e ensinamentos dados durante toda a catalogação e pesquisa que foram fundamentais para concretização deste. Agraço também ao professor Jean e a professora Ana Paula pela leitura e tempo dedicado a avaliação desta minha etapa final da graduação.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja a natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que consigo pensar é natureza.

Aílton Krenak

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I. PROPOSTA DE ANÁLISE DO CATÁLOGO DA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL	12
I.I ANÁLISE DO CATÁLOGO DA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL	15
II. PROPOSTA DE SEQUENCIAMENTO DIDÁTICO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

No ano 2000 a Editora Abril completava 50 anos de existência e para comemorar a data simbólica, trouxe para o Brasil a primeira edição em português da consagrada revista científica *National Geographic*. Em sua primeira publicação, o editor norte-americano Bill Allen diz que a revista vai muito além das famosas reportagens sobre natureza, contendo “artigos sobre história, arqueologia, ciência, exploração, cultura e geografia; ou seja, praticamente tudo o que representa a grande aventura humana”¹.

Essa afirmação vai ao encontro da origem da *National Geographic Magazine* que foi publicada pela primeira vez em novembro de 1888 como produto da *National Geographic Society*². Esta última foi fundada nos Estados Unidos como uma organização científica por membros do governo norte-americano como uma forma de promover a nação em detrimento de outros países³. Para cumprir esse objetivo de exaltação nacionalista, os membros da *National Geographic Society* escreviam e publicavam artigos de geografia para os leitores norte-americanos, mesmo não havendo no momento da fundação nenhum geógrafo formado academicamente⁴.

Ao longo dos anos a *National Geographic Magazine* foi tendo sua edição e divulgação aprimoradas e em 1905 era considerada uma referência nos Estados Unidos como publicação ilustrada, principalmente devido ao uso da fotografia⁵. É também nesse início do século XX que convidados integram os autores dos artigos, não sendo mais uma exclusividade dos membros, deixando gradativamente de ser um boletim da *National Geographic Society* para se tornar o fenômeno editorial atual⁶.

Segundo a própria *National Geographic Society* em um pequeno trecho na primeira edição da revista em português, esta “foi fundada em Washington D. C., como organização científica e educacional sem fins lucrativos. Desde 1888, a Sociedade patrocinou mais de 6500

¹ Allen, Bill. Do Editor. **National Geographic Brasil**, São Paulo: Abril, ano 1, ed. 1, n. 1, p. 9, maio de 2000.

² Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 24.

³ Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 49.

⁴ Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 24-25.

⁵ Idem, p. 35.

⁶ Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 26-27.

explorações e pesquisas, aumentando assim nossos conhecimentos a respeito da terra, do mar e do céu”⁷.

Apesar de ter sua primeira edição em maio de 2000, quase um ano antes do lançamento da edição portuguesa, a Editora Abril já desejava publicar a *National Geographic* desde os anos 1970⁸. A *National Geographic* Brasil publicava majoritariamente conteúdos traduzidos, mas tinha uma equipe dedicada a produzir conteúdos específicos sobre o Brasil a fim de complementar as matérias norte-americanas⁹. Em sua dissertação de mestrado, Marcelo Gomes aponta que

podem ser notadas algumas peculiaridades como a exclusão de reportagens ou adição de matérias feitas no país, ou, muitas vezes, páginas que retratam a visão brasileira, produzida por profissionais do Brasil, do tema já abordado em outras reportagens norte-americanas. Há modificações como exclusão ou troca de algumas fotos e ilustrações. Outras diferenças são: o maior número de páginas dedicadas à publicidade na revista brasileira; além das versões das seções Cartas e Sua Foto¹⁰.

A Editora Abril cortou parte da equipe da *National Geographic* Brasil em 2013, e no ano de 2016 acabou por vender a revista para a Fox Network Group¹¹. Durante o período de publicação, as revistas brasileiras seguiram o mesmo padrão da *National Geographic Magazine*, com a tradicional borda amarela, e tendo muitas vezes a mesma capa que as edições norte-americanas¹².

As revistas eram brochuras impressas em papel couché tendo 25,5 centímetros de altura e 17,5 centímetros de largura. Esse material permitiu que mesmo guardada em locais inadequados, o acervo de revistas o qual tive acesso, estava em boas condições com apenas as marcas naturais do tempo. O acervo é pessoal, tendo sido uma doação feita a mim, a fim realizar o presente trabalho.

Sendo assim, pretendo por meio deste analisar a imagem da natureza brasileira construída por autores estrangeiros e autores brasileiros. Compreender se há diferenças nessa

⁷ *National Geographic* Brasil. São Paulo: Abril, ano 1, ed. 1, n. 1, maio de 2000, p. 10.

⁸ Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da *National Geographic*. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 68.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Vasconcellos, Bruna; Goldchmit, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista *National Geographic* Brasil: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Design de Informação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671/399>. p. 147.

¹² Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da *National Geographic*. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 69.

construção, quais elementos são mais ressaltados e quais são propositalmente ocultados, quais são os objetivos por detrás das descrições da fauna e da flora brasileiras e entender se há liberdade criativa aos autores brasileiros ou se são plenamente submetidos às opiniões e modelos de escrita norte-americanos.

Para isso, no primeiro capítulo é apresentado o catálogo das revistas National Geographic Brasil, entre os anos de 2000 a 2004, o processo de construção, os métodos utilizados e seus objetivos. Logo após segue-se a proposta de análise das matérias selecionadas em que cada uma terá um detalhamento individual especificando acerca do autor, do fotógrafo, da composição do texto e da escolha das imagens. Estas informações em conjunto constroem uma determinada narrativa, que será posta em comparação com as demais nas outras matérias.

O segundo capítulo, por sua vez, será destinado ao sequenciamento didático construído, por meio das revistas da National Geographic Brasil para propor debates a respeito de desastres ambientais, da memória local da população afetada e como é feita a divulgação e preservação dessa memória. Assim, pretende-se que os estudantes sejam capazes de reconhecer e criticar, por meio de fontes históricas e da memória, os processos e conflitos ambientais.

I. PROPOSTA DE ANÁLISE DO CATÁLOGO DA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

A catalogação realizada para este trabalho abarcou 51 revistas, publicadas entre maio de 2000 e dezembro de 2004. Infelizmente nem todos os exemplares publicados neste período pela National Geographic Brasil foram contemplados devido à ausência deles em meu acervo pessoal. Assim, a partir dos exemplares disponíveis, foi definido o que seria especificado na catalogação e em seguida feito um trabalho de leitura integral das revistas, atentando para os detalhes que seriam considerados.

As seções iniciais e finais foram citadas com descrições apenas dos títulos dos textos, dando ênfase aos artigos principais, que foram resumidos e identificados com sua data de publicação, autor e fotógrafo/ilustrador. Para exemplificar, será apresentado um fragmento da catalogação do primeiro número da revista, publicada em maio de 2000.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

NÚMERO 1

MAIO/2000

RASANTE SOBRE A ÁFRICA: DO CAIRO AO CABO NUM AVIÃO DA PRIMEIRA GUERRA

Seção Em Ação: Altas aventuras num Vickers Vimy (p. 15); A vista do topo (p. 15).

Seção Diário da Terra – as pessoas, os lugares, a vida e os mistérios do nosso planeta: Morte violenta em uma mina de sal (p. 18); Se Moisés visse isso...(p. 18); Contaminação das orcas (p. 19); Alerta para pássaros sul-africanos (p. 19); Como eram as caravelas (p. 20); Vapores de tinta: uma questão volátil (p. 20); Sentindo-se em casa? (p. 22); A animada vida sexual dos camarões (p. 22); Contra o chumbo na pesca – e nas aves (p. 22); Imagens aéreas com foco ultrapreciso (p. 24); Tesouros do Nepal (p. 24); Remando no deserto (p. 26); Resgate de um barco heróico (p. 26); A formiga-pizza (p. 28); Mistério no mar: ouriços híbridos (p. 28).

1º artigo: **Aventura no céu da África:** um voo histórico entre o Cairo e a Cidade do Cabo é refeito em uma réplica de um avião dos anos 10 (p. 30-47).

Texto e Fotos de Peter McBride

Resumo: Com o objetivo de integrar seu território, no início do século XX a Inglaterra construiu pistas de pouso ao longo de toda a África Oriental e o jornal Daily Mail lançou em 1920 o desafio e a recompensa de 10 mil libras esterlinas aos aviadores que fossem de Inglaterra à Cidade do Cabo no extremo sul da África do Sul. Das cinco equipes que aceitaram, apenas Pierre van Ryneveld e Quintin Brand tiveram êxito, mesmo com vários acidentes e a perda de dois Vickers Vimy. Setenta e nove anos depois, o piloto Mark Rebholz e o co-piloto John LaNoue reproduzem o desafio em uma réplica do Vickers Vimy e com algumas modificações no trajeto original devido à negativa do Sudão em passar por seu território.

(...)

7º artigo: **Luz sobre um novo elo:** um novo sítio paleontológico na África do Sul revela espécimes de um proto-homem (p. 146-153).

Texto de André W. Keyser

Fotos de Kenneth Garret

Ilustrações de Mauricio Antón

Resumo: André Keyser descobriu em 1992 um sítio arqueológico denominado Drimolen, localizado perto de Joanesburgo na África do Sul. Neste local foi possível identificar fósseis de antílopes, elefantes, felinos, babuínos e quase 80 espécimes de *Australopithecus robustus* que viveram há 2 milhões de anos. No entanto, o mais impressionante é que também foram encontrados fósseis de uma espécie indeterminada de *Homo*.

Seção Memória NGS: Um espelho do século (p. 156); O mundo e tudo que há nele (p. 159); Exploradores e cientistas (p. 159); Uma revista para o grande público (p. 161); Montanhas distantes e o quintal de casa (p. 162); A polêmica conquista do pólo norte (p. 163); Conhecimento e aventura (p. 164); Os segredos do mundo submarino (p. 164); Comportamento animal e a evolução da espécie (p. 167).

Seção Nos Bastidores: Ossos do ofício (p. 168); Entre o mar e o deserto (p. 168); O regente da orquestra de Babel (p. 169); Um zoom na zoologia (p. 169); Nossas câmeras-focas (p. 170); Enfim, sós... (p. 170).

Seção Cartográfica: Como foi batizada a América (p. 172).

Seção Flashback: Tubarão na Cabeça (p. 174).

Esse método foi escolhido com base em alguns princípios descritos pela IFLA (sigla para International Federation of Library Associations and Institutions, ou em português Declaração dos Princípios Internacionais de Catalogação)¹³, sendo o 2.1 Interesse do Usuário em que

Interesse significa que se deve fazer todos os esforços para manter todos os dados compreensíveis e adequados para os usuários. A palavra “usuário” compreende a qualquer indivíduo que busque no catálogo e utilize os dados bibliográficos e/ou de autoridades. As decisões referentes a criação das descrições e as formas controladas dos nomes para os acessos, devem ser decididas tendo em mente o usuário¹⁴.

E respeitando o princípio 2.3 Representação, em que

Uma descrição deve representar o recurso tal como aparece. As formas controladas dos nomes de pessoas, entidades coletivas e famílias devem se basear na maneira como estas entidades se auto denominam. As formas controladas dos títulos de obras devem se basear na forma com que aparece na primeira manifestação da expressão original. Se isso não for possível, deve-se usar a forma comumente utilizada nas fontes de consulta¹⁵.

Dessa maneira, o resultado da catalogação teve como finalidade contribuir para uma melhor análise das matérias selecionadas, indo de acordo com que Luiza Arias define como catálogo, o qual “deve ser encarado como uma ferramenta de comunicação entre o acervo e o usuário, por isso é de suma importância que na construção do mesmo o foco seja mantido no usuário e em suas necessidades”¹⁶.

¹³ IFLA. **Declaração dos Princípios Internacionais de Catalogação**. Tradução de: Marcelo Votto Teixeira. 2016. Disponível em: https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/cataloguing/icp/icp_2016-pt.pdf.

¹⁴ Idem, p. 5.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Arias, Luiza Coutinho. O catálogo e o seu uso: as tarefas do usuário e as seis fases do processo de referência. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, XXVIII, 2019, Vitória-ES. Anais [...]. Vitória-ES, CBBD, 2019. p. 1-6. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2047>. p. 2.

Ainda restam 54 exemplares, que datam entre os anos de 2005 a 2012, a serem catalogados. Contudo, mesmo sem estes, há no presente catálogo uma infinidade de temas a serem explorados, que não encontram espaço neste trabalho. Sendo assim, pretendo futuramente discutir e aprofundar tais assuntos em novas pesquisas.

I.I ANÁLISE DO CATÁLOGO DA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL

Em seu artigo, Xavier e Chaves analisam seis capas da revista National Geographic Brasil em que o Brasil é destaque, observando quais são as principais imagens retratadas, quais mensagens são transmitidas e como essa construção simbólica impacta na visão, nos preconceitos e estigmas criados no público leitor da revista¹⁷. Tendo este como inspiração, a análise deste trabalho busca analisar a partir de critérios semelhantes como as matérias principais apresentam a natureza do Brasil para os leitores.

Um dos elementos fundamentais para a análise destas narrativas é a fotografia, pois desde 1896 a National Geographic já se auto intitulava como uma revista ilustrada. Se inicialmente era apenas uma parte ilustrativa, segundo alguns pesquisadores as fotografias se tornaram a principal atração das publicações ao longo do século XX¹⁸. Isto se deve ao desenvolvimento concomitante das técnicas de fotografia e da National Geographic, sendo a Kodak a primeira anunciante, já em março de 1897, mantendo a venda de seus produtos até os dias atuais¹⁹. Há também o fato de a fotografia ser

apresentada como prova do real; linguagem comprometida com um fim social; forma de comunicação que visa disseminar o conhecimento científico. Desta maneira, quando as pessoas olham as fotos da revista, espera-se que sua reação seja de acreditar que o que está naquela imagem realmente existiu. Podem haver críticas em relação ao conteúdo das fotos, mas raramente haverá sobre a capacidade da fotografia mostrar o que se passou na frente da câmera²⁰.

¹⁷ Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>.

¹⁸ Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 82.

¹⁹ Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 36.

²⁰ Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 87.

Em sua tese de mestrado, Marcelo Salcedo Gomes descreve com riqueza de detalhes como a evolução da fotografia apresentou-se na revista, desde a primeira imagem publicada em março de 1890, de uma ilha no oceano Ártico²¹, a primeira foto com uso de flash, em julho de 1906²², as primeiras fotografias em cores²³, o uso do Kodachrome que melhorava a captação de luz e a nitidez das cores²⁴, entre outras, que levaram a National Geographic a se tornar pioneira no fotojornalismo²⁵.

Quando passou a ter uma edição própria no Brasil, Vasconcellos e Goldchmit afirmam que a revista teve importância por dois motivos: “a divulgação nacional e internacional de uma “imagem do Brasil” e a promoção da conservação ambiental e histórica, por meio de expedições exploratórias no país”²⁶. O que se pode perceber, portanto, é que a imagem tem tanto valor, ou até mais do que, o próprio texto ao construir uma narrativa conjunta sobre algo ou alguém.

Em uma entrevista concedida às autoras, Cristina Veit, que foi diretora de arte da National Geographic Brasil entre os anos de 2001 a 2013, afirmou que as matérias normalmente eram encomendadas para uma dupla de repórter e fotógrafo. Além disso, ela ressaltou a importância de terem sempre matérias atualizadas sobre o Brasil²⁷. Mesmo assim, sabe-se que a maior parte das matérias são traduções da revista norte-americana, com algumas adaptações e/ou adições para melhor se adequarem ao “gosto” do público brasileiro²⁸. É o que acontece, por exemplo, nas edições de dezembro de 2000, abril e maio de 2001, entre outras.

Dessa maneira, fazendo uso da afirmação de Daniel Meirinho Souza em seu trabalho sobre a representação dos povos do Oriente Médio representados na National Geographic, “o fotojornalismo aproxima o observador de determinado acontecimento, permitindo-lhe a sensação de proximidade com o facto, conhecimento e participação. As imagens publicadas pelos *media* são responsáveis pela recriação de uma realidade selecionada”²⁹.

²¹ Gomes, Marcelo Salcedo. A Mídiação do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013, p. 75.

²² Idem, p. 76.

²³ Idem, p. 77.

²⁴ Idem, p. 78.

²⁵ Idem, p. 81.

²⁶ Vasconcellos, Bruna; Goldchmit, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Design de Informação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671/399>. p. 148.

²⁷ Idem, p. 148-149.

²⁸ Idem, p. 147.

²⁹ Souza, Daniel Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: a Identidade Visual Criada Pelas Imagens dos Povos do Oriente Médio Publicadas na *National Geographic*. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 4 n. 4 p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/363/383>. p. 120

É esta imagem selecionada, que também ocorre com a natureza brasileira, que esta análise pretende compreender. Assim, a partir da catalogação realizada nas revistas entre maio de 2000 e a edição extra de 2004, que somaram um total de 51 exemplares, foram selecionados 41 que citam de alguma maneira o Brasil em 46 matérias principais. Destas 46 foram escolhidas 11 por abordarem mais precisamente a natureza brasileira, sendo que seis foram escritas por autores brasileiros e cinco por autores estrangeiros.

Nestes artigos os assuntos mais abordados foram sobre a vida animal e os esforços para sua preservação (7 aparecimentos), a Amazônica (3 aparecimentos) e a Mata Atlântica (2 aparecimentos).

A primeira matéria sobre esta temática é de fevereiro de 2001 e tem como título “A vida no sertão: uma jornada entre as velhas histórias e os atuais personagens do Raso da Catarina, no norte da Bahia, a região mais árida do Brasil”. O autor, Ronaldo Ribeiro, já trabalhava na Editora Abril e havia atuado no desenvolvimento do projeto da revista de viagens de aventura e conservação ambiental *Caminhos da Terra*, o que lhe garantiu a experiência necessária para ser convidado a ser o editor sênior da revista no Brasil, cargo que exerceu durante os 19 anos de publicação dela³⁰. O assunto principal retratado é a preservação das araras-azuis-de-lear feita pelos próprios sertanejos da região de Canudos, interior da Bahia. Na matéria, Ribeiro descreve a região do Raso da Catarina, detalhando suas características físicas, típicas do bioma da Caatinga, sua representação em grandes obras como *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, seus moradores, conhecidos como sertanejos, e seus modos de vida.

Na matéria, é dito também que na parte norte da região do Raso da Catarina foi demarcada pela Fundação Nacional do Índio, atualmente Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), a Terra Indígena Pankararé e que bem próxima está demarcada a Reserva Ecológica do Raso da Catarina, com uma área de 29 mil hectares. A origem indígena tem grande influência no modo de vida dos sertanejos, em suas vestimentas, na prática da caça e na conservação da escassa água. Era neste árido local que o mais famoso grupo de cangaceiros comandado por Lampião viviam, mais precisamente nos grandes paredões de rocha da Baixa do Chico.

Nas duas últimas páginas de texto, Ribeiro retoma o assunto que abriu a matéria: a arara-azul-de-lear. Símbolo da região, esses animais estão ameaçados de extinção. No Raso da

³⁰ Pulitzer Center, **Ronaldo Ribeiro: AMAZON RJF GRANTEE** [s. d.]. Disponível: <https://pulitzercenter.org/pt-br/people/ronaldo-ribeiro>.

Catarina, único local do mundo em que são encontradas, restam apenas 200 animais. Nos anos 1980 havia apenas 63, mas a população vem aumentando desde então devido a ajuda dos sertanejos na preservação. Por fim, é citado o evento mais conhecido do local, o Arraial de Canudos, movimento liderado por Antônio Conselheiro contra o governo republicano que resultou em uma guerra e a morte de 15 mil pessoas.

Toda essa narrativa constrói uma imagem de contínua resistência, exemplificada pela vida dos sertanejos, a permanência dos indígenas Pankararé, as histórias sobre Lampião e os cangaceiros, a Guerra de Canudos e principalmente pela imagem da natureza inóspita da região em que as árvores armazenam água em bulbos, as espécies espinhentas, a preservação das araras-azuis-de-lear e demais animais representados em imagens e descritos nas legendas.

As fotografias são de Araquém Alcântara, especialista em fotografias ambientais, pioneiro na documentação de parques nacionais brasileiros e que também produziu uma edição especial para a National Geographic Society chamada Bichos do Brasil³¹. As imagens retratam a vida dura dos sertanejos, representadas por imagens de homens vestindo a indumentária tradicional de couro em currais feitos de cercas de madeiras secas, uma caveira de boi pendurada em galhos secos, e os vaqueiros com seus cavalos em locais marcados por um céu azul com poucas nuvens e ao seu redor apenas a terra seca. Na matéria há também fotografias do cânion da Baixa do Chico e dos pássaros que vivem nesses paredões como a arara-azul-de-lear, o sofrê e a aratinga. A última imagem, que ocupa a página final por inteira, é de três caboclos pankararés vestidos com um traje típico, feito de fibras de bromélia e palmeira, que cobrem todo o corpo e o rosto. Estes trajes são usados em celebrações de antigos ritos.

Do mesmo modo que o texto, as fotografias também constroem uma narrativa de resistência em continuar vivendo neste local, descrito como inóspito, mas com uma constante afirmação do sentimento de orgulho de sua história, de seus modos de vida e em especial da natureza, ao mesmo tempo feroz e exuberante. Ao final da matéria, o leitor se sente impressionado com o que foi descrito, se encanta ao entrar em contato com uma realidade tão desconhecida e tão singular. O objetivo da matéria é alcançado, o público passa a ter o mesmo orgulho que os sertanejos têm do Raso da Catarina.

A segunda matéria é de março de 2001 e tem como título “O atol solitário: a pulsante vida marinha do único atol do Brasil, onde cientistas vêm estudando a biologia dos tubarões-limão”. Esta matéria representa o que Vasconcelos e Goldchmit chamam de adequação ao

³¹ Araquém Alcântara, **Bio**, © 2025. Disponível em: <https://araquemalcantara.com/bio/>.

“gosto” brasileiro³², pois a matéria principal desta edição, sendo inclusive a capa da revista, é sobre o atol Palmyra no Oceano Pacífico Sul. Logo em seguida a edição brasileira produziu uma matéria sobre um atol localizado no Atlântico, mais especificamente na costa do Rio Grande do Norte.

Também escrita por Ronaldo Ribeiro a matéria se inicia quase que retomando a anterior, citando importantes atóis do mundo como o Palmyra e as ilhas Maldivas. No Atlântico os atóis, ilhas baixas e rodeadas por recifes de corais, são raros, sendo o atol das Rocas o único deste oceano. O autor descreve minuciosamente os elementos que formam um atol, a importância de Rocas para os estudos sobre a fauna marinha brasileira, a criação da reserva biológica em 1979 e a consequente fiscalização da região. Esta fiscalização ocorre principalmente pelo atol das Rocas ser o local de desova de muitas aves e animais marinhos, como os tubarões-limão.

A ênfase nos tubarões-limão ocorre nas últimas páginas da matéria e ressalta a importância do atol para a reprodução desta espécie e os estudos que monitoram tamanho, peso e idade, além da marcação com transmissores que permitem acompanhar as migrações destes animais pelo mar. Em contraposição ao paraíso dos tubarões-limão, Ribeiro informa que o atol é um local praticamente inabitável aos humanos por não haver fontes de água potável nem árvores grandes o suficiente para criarem sombra.

As fotos são de Luciano Candisani, biólogo formado pela Universidade de São Paulo (USP) e que durante a graduação participava de expedições para a documentação e estudos de animais, em que iniciou sua carreira de fotógrafo³³. Nelas são evidenciadas a transparência do mar com fotografias submersas de um tubarão-limão e de uma tartaruga-verde. Há também imagens da ruína da casa dos faroleiros, dos estudiosos recolhendo material de análise sobre a dieta dos tubarões-limão e de uma área de desova de aves marinhas.

Juntas, fotografias e texto, enfatizam a importância e os resultados da preservação deste berçário natural além de exaltar os trabalhos de pesquisa brasileiros realizados nos animais marinhos que vivem no atol das Rocas.

As matérias seguintes são de maio de 2001 e seguem o mesmo princípio de uma matéria principal traduzida da revista norte-americana seguida de uma matéria produzida pela equipe da National Geographic Brasil. O artigo norte-americano é intitulado “Onças-pintadas: o maior e mais assustador felino da América começa a ser mais bem estudado em seu território, as matas

³² Vasconcellos, Bruna; Goldchmit, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Design de Informação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671/399>. p. 147.

³³ Luciano Candisani, **Bio**, [s. d.]. Disponível em: <https://lucianocandisani.com/sobre/#bio>.

que vão do México ao Pantanal, no Brasil” e foi escrita por Douglas H. Chadwick, biólogo e zoólogo estadunidense conhecido por seus artigos sobre natureza e conservação e por ter sido membro fundador da Vital Ground Foundation³⁴, uma organização beneficente que visa proteger os ursos pardos da América do Norte³⁵.

A matéria se inicia com uma descrição dramática sobre o acampamento que o autor, o fotógrafo e o caçador estão para monitorar as onças-pintadas, aqui nomeadas como jaguares, na península de Yucatán, no México. No mesmo tom, Chadwick descreve a expedição de procura às onças e sua sensação ao encontrar este animal. Em seguida há uma exposição sobre a dieta das onças e seu risco de extinção causado pela caça ilegal. A história do caçador citado no início é retomada para explicar que agora, por meio de uma parceria da Universidade Nacional Autônoma do México, antigos caçadores estão sendo contratados para ajudar no monitoramento e estudo desses animais.

O autor narra como as onças-pintadas deixaram de ser animais temidos e adorados pelos povos originários das Américas, como os astecas, maias e os guaranis, passaram a ser mortas a partir da chegada dos colonizadores e adquiriram, enfim, proteção em vários países contra a caça. Em seguida, aborda as onças brasileiras, que vivem na Amazônia, e principalmente no Pantanal. Neste bioma, autor e fotógrafo também participam de uma expedição de monitoramento, em que a cavalo percorrem as áreas alagadas.

Chadwick cita a região dos Everglades, na Flórida, para que o leitor tenha uma dimensão de comparação com o Pantanal, também descreve as características do bioma e os outros animais encontrados. Depois de uma detalhada narração dos inúmeros rastros deixados, a única visão das onças foi a de uma mãe com seu filhote atravessando a estrada da fazenda em que estavam alojados. Por fim, são citadas os grupos de estudo e conservação, como o da Utah State University e o Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, que é ligado ao Ibama. Apesar do constante desmatamento ilegal, os estudos em conjunto com políticas de preservação já estão mostrando resultados no aumento populacional de onças no Pantanal e na América Central.

O fotógrafo da matéria é Steve Winter, estadunidense especialista em registros da vida selvagem, especialmente de grandes felinos³⁶. A primeira fotografia da matéria é de página

³⁴ Vital Ground Foundation, **Douglas H. Chadwick**, © 2025. Disponível em: <https://www.vitalground.org/team/douglas-h-chadwick/>.

³⁵ Vital Ground Foundation, **About Us**, © 2025. Disponível em: <https://www.vitalground.org/about-connecting-one-landscape-protecting-wildlife/>.

³⁶ National Geographic, **Steve J. Winter**, © 2025. Disponível em: <https://explorers.nationalgeographic.org/directory/steve-j-winter>.

dupla e mostra o olhar feroz e penetrante de uma onça parcialmente escondida pelo matagal. Elas também foram fotografadas passeando pela mata, durante o dia e a noite, escondidas em topos de árvores, desacordadas durante o monitoramento dos pesquisadores, e infelizmente, como vítimas da caça ilegal ao terem suas peles retiradas e em uma árvore com vários crânios.

Outras imagens retratam um homem, possivelmente o caçador, descansando em uma árvore ao pôr do sol, a vista aérea das áreas alagadas do Pantanal e um caititu, que faz parte da dieta dos felinos. Evidenciando a admiração dos povos maias pelas onças, há uma imagem retratando esse povo vestido com roupas tradicionais, em que representadas por máscaras a onça vence os caçadores durante uma dança tradicional.

O artigo seguinte também retrata as onças, mas no contexto unicamente brasileiro. Com texto e fotos de Adriano Gambarini, geólogo pela USP que teve sua carreira como fotógrafo consolidada a partir de sua documentação em projetos de conservação e etnografia. Além de fotógrafo, Gambarini é também colunista, roteirista, produtor e diretor de arte atuando na produção de documentários e séries³⁷.

Intitulada “Caçadores do bem: uma aventura entre as raras onças-pintadas do Parque das Emas, em Goiás”, a matéria se difere da norte-americana, que apresentou sobre os animais que viviam na Amazônia e no Pantanal, ao trazer sobre uma expedição de rastreio de onças-pintadas no Cerrado. Apesar de também ser formada por ex-caçadores e estudiosos, há também diferenças na forma de monitoramento, que é feita através de coleiras com transmissores. A missão, neste caso, era fazer a troca destas coleiras em dois filhotes.

Gambarini detalhou como é feita a busca e a captura dos animais pelos pesquisadores. Ao final de dois dias finalmente conseguiram encontrar um dos filhotes que foi submetido à pesagem, medição de unhas, dentes, patas e corpo, coleta de sangue e a troca da coleira. O segundo filhote foi encontrado no dia seguinte e teve os mesmos dados coletados, mas com uma descrição mais enxuta.

A aventura narrada é acompanhada de fotografias de onças em cima de árvores, desacordadas e carregadas pelos pesquisadores, acuadas e tendo seus dados coletados. Há também imagens de pegadas de onça, dos caçadores junto dos cães farejadores e do rio Formoso que atravessa o Parque das Emas.

Mesmo tendo menos da metade das páginas da matéria norte-americana, a matéria brasileira não perde em qualidade, do texto ou das imagens, ao narrar uma situação muito

³⁷ Adriano Augusto Gambarini, **O Autor**, © 2002-2025. Disponível em: <https://www.adrianogambarini.com/autor/>.

semelhante. É perceptível que a encomenda da matéria para Gambarini tinha um objetivo claro de mostrar ao público brasileiro de pesquisas e políticas de preservação das onças-pintadas que existem nos países da América Central, e mesmo nos Estados Unidos, também existem no Brasil.

A quinta matéria é de janeiro de 2002, intitulada “Mais Brasil: Amazônia – no Acre, o sertanista Sydney Possuelo comanda uma aventura em busca de um grupo de índios isolados”, tem texto e fotos de Nicolas Reynard, fotógrafo francês de grande renome devido aos seus registros de povos tradicionais isolados³⁸. Assim, não é de se surpreender ao ver que a imagem de página dupla que abre a matéria é de uma aldeia de indígenas isolados no estado do Acre.

O autor documentou para o artigo a missão da FUNAI em sobrevoar um grupo de indígenas isolados, do qual se desconhece nome, língua e costumes. Ele descreve a precariedade do alojamento no meio da Floresta Amazônica, além dos perigos e dificuldades que missões como esta enfrentam. As quedas de avião são comuns, Sydney Possuelo ao tentar chegar ao alojamento sofreu um acidente e os destroços do bimotor em que estava foram registrados por Reynard.

Possuelo é o sertanista que chefia a missão, fotografado enquanto analisava o mapa da área em que os indígenas vivem, ele já atua na proteção de populações indígenas há quarenta anos. Graças a ele, a FUNAI mudou sua política de sempre se aproximar dos indígenas descobertos, agora esse contato só ocorre se for extremamente necessário. Toda essa experiência lhe deu a fama de lenda, mas também lhe trouxe grandes desafios com os madeireiros que buscam explorar a região. Uma grande clareira na floresta e os trabalhadores ilegais foram alvo das lentes de Reynard.

Ao final, é descrito como se deu o sobrevoo na aldeia isolada, em que o avião se aproxima o suficiente para que sejam feitos registros, mas sem assustar os indígenas. Mesmo assim, um homem atira uma flecha na direção do avião. Reynard ressalta sua sensação de estar em uma bolha do tempo ao ver pessoas que desconhecem completamente o “mundo moderno” em que vive. As últimas duas páginas da matéria são dedicadas a uma foto de Possuelo junto a uma família de indígenas korubos no Vale do Javari, Amazonas. Este era um grupo isolado que teve de ser contatado em 1996 para não ser completamente dizimado.

Essa visão de Reynard sobre o grupo isolado que observou é muito semelhante a da encontrada por Souza com relação aos povos do Oriente Médio. Para ele

³⁸ Babelio, **Nicolas Reynard**, © 2007-2025. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Nicolas-Reynard/218322>.

Tais fotografias retratam, na sua grande maioria, a diversidade cultural destes povos, espelhando um formato estético e muito singular de olhar estas diferenças, uma técnica que se resume no olhar de um Ocidente dominante. Tudo o que está fora dos padrões e normas sociais de civilidade dessa sociedade, muitas vezes, é retratado como primitivo³⁹.

Ou seja, quando o “outro” é retratado, sempre é através de um olhar de superioridade do autor. No caso da matéria acima, o fotógrafo francês observa os indígenas como presos em uma cápsula do tempo.

O artigo seguinte, de maio de 2002, tem como título “Mais Brasil: A lista negra – pesquisadores preparam a nova lista dos animais brasileiros ameaçados de extinção” e foi escrita por Antônio Paulo Pavone. Jornalista e escritor brasileiro, a ênfase de seu trabalho é principalmente na denúncia e exposição de ações abusivas do poder econômico que levam à destruição da natureza⁴⁰, assunto abordado na matéria por meio da lista dos animais brasileiros mais ameaçados de extinção.

Logo no início Pavone elenca os animais com maior risco de desaparecerem: ararinha-azul, mico-leão-dourado e peixe-boi. Como tentativa de medir a destruição ambiental, o Ibama criou a lista dos animais mais ameaçados de extinção no Brasil em 1972. Em 1989, a lista havia saltado de 86 para 218 espécies ameaçadas. E enquanto a matéria era escrita, a terceira lista estava sendo feita, por isso os resultados divulgados são preliminares.

O autor detalha como são os procedimentos da elaboração da lista, quais dados serão coletados e quais novas categorias de animais serão incluídas. As principais causas de ameaça a extinção são a caça, o tráfico de animais e a destruição dos habitats naturais. E apesar de existirem políticas ambientais contra esses fatores, estas ainda não são totalmente eficazes. Mas sem deixar terminar em tom pessimista, o autor ressalta o êxito na recuperação das populações do mico-leão-dourado e da arara-azul-de-lear.

As fotografias são de Araquém Alcântara, já citado, e por meio delas são apresentados os animais em extinção. O primeiro deles é o gavião-real, fotografado em um fundo preto que lhe coloca em posição de seriedade e soberania. Em seguida são fotografadas em seus habitats naturais um grupo de araras-azuis-de-lear, uma jaguatirica e duas ariranhas. A próxima foto, de

³⁹ Souza, Daniel Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: a Identidade Visual Criada Pelas Imagens dos Povos do Oriente Médio Publicadas na *National Geographic*. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 4 n. 4 p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/363/383>. p. 133.

⁴⁰ Mirada, **Notícias da Floresta em Extinção | Antonio Paulo Pavone**, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.miradajanela.com/2022/03/noticias-da-floresta-em-extincao.html>.

página dupla, é de um jacaré-de-papo-amarelo. Nas páginas finais há imagens de três primatas: um macaco-barrigudo, um uacari-branco e um soim-de-coleira.

Esta matéria é mais séria e mais objetiva ao alertar sobre um problema grave enfrentado pelo Brasil, se diferenciando do modo como as matérias anteriores trazem informações e curiosidades, além de ter fotografias mais poéticas que ajudam a dar o tom da narrativa.

A próxima matéria, de junho de 2003, tem como título “O difícil caminho: os peruanos enfrentam uma odisséia para viajar entre a selva Amazônica e as cidades andinas. Mas ainda questionam: valerá a pena asfaltar a *carretera* Transoceânica, a sonhada estrada entre a fronteira com o Brasil e o Pacífico?”. Escrita por Ted Conover, jornalista, professor e autor de inúmeros livros sobre a vida dos imigrantes nos EUA⁴¹, esta matéria aborda as dificuldades enfrentadas por quem precisa usar a rodovia Transoceânica.

Conover inicia narrando sua experiência ao atravessar essa estrada que corta os Andes e Amazônia, ligando por terra os oceanos Atlântico e Pacífico. A Transoceânica já está pronta no Brasil, mas no Peru os poucos trechos abertos ainda são estradas improvisadas de terra. O restante da rodovia ainda é um projeto do presidente peruano, mas suas escolhas de rota são motivo de polêmica entre a população.

Há ainda os ambientalistas, que se preocupam com o aumento da devastação da Floresta Amazônica com a abertura da rodovia. Isto porque com a abertura da precária estrada de terra já houve um aumento significativo da mineração de ouro e da extração da madeira de mogno de maneira legal, mas principalmente ilegal. Em razão disso, Conover visita uma serraria e entrevista o gerente do local. Ele insiste que todos os negócios ali são legalizados, mas por conta do deslize de um funcionário é obrigado a admitir que às vezes há processamento de madeiras ilegais.

O autor também visita uma pousada que fica em uma comunidade indígena, e conversa com um biólogo e um antropólogo. Ambos concordam que a abertura e pavimentação da rodovia por um lado será benéfica, pois irá melhorar o transporte dos alimentos, mas por outro aumentará o mercado ilegal de drogas, prostituição e doenças nas populações indígenas. Suas preocupações são baseadas nas experiências vivenciadas no lado brasileiro.

No Brasil, Conover se impressiona com o avanço da rodovia, já asfaltada. O autor cita o seringueiro Chico Mendes e sua luta frente às consequências da abertura das estradas no Acre e os atuais movimentos dos ambientalistas contra o desmatamento. O artigo termina com o autor seguindo para Puerto Maldonado passando por Cusco, um dos trechos propostos pela

⁴¹ Ted Conover, **Bio**, © 2024. Disponível em: <https://tedconover.com/bio/>.

Transoceânica. A estrada estava pura lama, o que fez o caminhão em que viajava atolar e atrasar a viagem por horas. A última frase da matéria resume a opinião de Conover: “essa gente, penso, precisa urgentemente de uma estrada melhor”.

As imagens são da norte americana Maria Stenzel, que há anos trabalha para a *National Geographic* fotografando sobre a ciência, o meio ambiente e culturas indígenas⁴². Na matéria há quatro fotos de página dupla, em ordem de aparecimento elas retratam uma precária ponte sobre o rio San Gabán, que é cogitada como parte do trecho da Transoceânica; uma mulher indígena com duas crianças esperando na neve por uma carona em Macusani, nos Andes; uma cidade às margens do rio Huaypetue; e por fim, um caminhão, que leva pessoas de maneira precária, durante uma parada.

Outras fotografias mostram os piores trechos da Transoceânica, que causam acidentes e formam grandes atoleiros, o rio Los Amigos, no Peru, e a BR-317, no Acre. Há também a principal rua de Huaypetue, famílias transportando crianças, caças e pertences em barcos pelo rio Las Piedras, tábuas de mogno secando em uma área de desmatamento ilegal e as balsas formadas por essas tábuas amarradas que são levadas pelo rio até a cidade de Puerto Maldonado. As últimas imagens são de moradores junto à um engenheiro do governo peruano observando onde a Transoceânica será demarcada, e depois esses mesmos moradores andando pela rodovia asfaltada.

A oitava matéria, intitulada “Mais Brasil: Árvores Floríferas – o inverno anuncia um espetáculo de cores vivas nos campos do interior brasileiro – é quando árvores como ipês e sucupiras começam a florescer”, de julho de 2003, é a mais curta se comparada às demais analisadas. Em apenas três páginas Harri Lorenzi, engenheiro agrônomo, ecologista e fundador do Jardim Botânico Plantarum⁴³, escreve sobre essas árvores tipicamente brasileiras.

Em uma enxuta narração, o autor descreve a época e o tempo de duração da floração dos ipês, flor-símbolo do país. Descreve também a imensa diversidade de árvores desse gênero no Brasil, se comparado à China e outros países da América do Norte. Essas floríferas, apesar de muito admiradas, também são pouco conhecidas e correm o risco de desaparecer com o desmatamento desenfreado.

As imagens são de diferentes fotógrafos, e as duas primeiras páginas trazem diferentes árvores do gênero ipê, são elas: a piúna, de flores rosas, o ipê-branco, o embiruçu, o mulungu, de flores vermelhas, a paineira-rosa e o ipê-amarelo. A última página também retrata o

⁴² PhotoShelter, **Maria Stenzel**, [s. d.]. Disponível: <https://mariastenzel.photoshelter.com/about>.

⁴³ Lorenzi, Harri José. **Curriculo Lattes**. 24 mai. 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0190790711106499>.

característico amarelo dos ipês por meio da fotografia de um ipê-amarelo-cascudo, encontrado principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro.

A matéria seguinte “No coração da selva: o sertanista Sydney Possuelo comanda uma jornada de três meses pela mais remota região da Amazônia, em busca de sinais dos temíveis ‘flecheiros’ – um dos últimos grupos indígenas que ainda vivem sem nenhum contato com a civilização” de agosto de 2003 é a principal da edição, sendo a capa da edição.

Escrita pelo estadunidense Scott Wallace, escritor, produtor de televisão e fotojornalista que trabalha com temas de meio ambiente, desaparecimento de culturas e conflitos por terras e recursos ao redor do mundo. É também autor do livro *The Unconquered: In Search of the Amazon's Last Uncontacted Tribes*, em que narra sua experiência ao se encontrar com uma etnia indígena isolada na Floresta Amazônica, e professor no Departamento de Jornalismo da Universidade de Connecticut⁴⁴.

Iniciando já com a descrição da missão de busca pelos indígenas isolados, Wallace narra as pistas deixadas pelos indígenas e seguidas por Sydney Possuelo, o ambiente da Floresta Amazônica, os barulhos dos animais e os sentimentos enfrentados pelo grupo durante as semanas que passaram longe de casa. Os flecheiros, como são chamados os indígenas devido à sua habilidade com o arco e as flechas envenenadas, são estimados em 1350 pessoas que vivem na terra indígena do vale do Javari.

O autor também comenta sobre a etnia matis, contactada 25 anos antes dessa missão, o que levou à grande mortandade dos indígenas por doenças as quais não haviam anticorpos. A expedição continua sendo descrita em tom dramático de aventura, sempre relatando as dificuldades impostas pelas matas, os perigos dos animais, o desconforto dos abrigos e os rastros deixados pelos indígenas isolados.

Wallace também conta sobre o sertanista Sydney Possuelo e sua ampla experiência em expedições como esta, em que o objetivo é apenas coletar informações sobre a etnia, mas não estabelecer contato. Os flecheiros são conhecidos por serem violentos e perigosos, sendo evitados até mesmo por indígenas de outras etnias que vivem na região.

Esta máxima de Possuelo é levada muito a sério por ele, e quando percebe que dois integrantes do grupo se desviaram logo depois de terem encontrados pistas recentes dos flecheiros, ele muda totalmente seu comportamento. Wallace descreve o momento em que encontram a aldeia dos flecheiros e como saem depressa temendo sofrer um ataque. Ao

⁴⁴ University of Connecticut. **Department of Journalism**, [s. d.]. Scott Wallace. Disponível em: <https://journalism.uconn.edu/scott-wallace/>.

finalmente encontrarem os dois integrantes sumidos, Possuelo afirma: “Vocês nasceram de novo hoje, porque os flecheiros poderiam ter matado vocês”. A raiva e a preocupação do sertanista dão lugar ao alívio e ele anuncia que o trabalho havia terminado, enfim voltariam para casa.

As fotos são do francês Nicolas Reynard, já citado anteriormente, são abundantes em todas as páginas. As fotos de página dupla compõem uma importante parcela da matéria e retratam indígenas Canamari, integrantes da expedição, dançando em volta de uma fogueira; uma vista aérea do rio Itaquai; a fotografia ampliada da capa, que mostra o grupo formado por indígenas e liderado por Possuelo em canoas; Tepi, um indígena da etnia matis, fotografado de lado com o zoom enfocando seu rosto; e outra imagem de Possuelo e os indígenas no barco, mas desta vez, por estar embaçada, percebe-se que a fotografia foi tirada em meio a uma tempestade.

As outras fotografias mostram o dia a dia da expedição em meio a floresta, caçando, pescando, se protegendo da chuva, montando guarda, derrubando árvores e construindo canoas com seus troncos. Reynard também registrou as pegadas deixadas pelos flecheiros, assim como sua aldeia, suas máscaras cerimoniais, flechas e dardos usados como arma. As duas últimas imagens são de uma família indígena e de uma draga para garimpo de ouro envolta por uma névoa.

Quanto a capa desta edição, Xavier e Chaves analisam que

O registro visual dessa capa é algo para se considerar, pois a imagem traz um barco sobre as águas de um rio no meio da floresta, com homens pardos, até mesmo com traços indígenas sentados nas margens do barco. Os homens estão de cabeças baixas e nas fisionomias há um borrão de imagem. Entretanto, no centro do barco, encontra-se sentado um homem branco, olhando ereto e com a fisionomia visível, sendo o foco da imagem e sem nenhum borrão de edição. No canto superior esquerdo da capa, encontra-se uma tarja vermelha em destaque com os seguintes dizeres: “Paris, Boemia e arte agitam o bairro dos Marais”. Poderíamos contrastar as nuances evolutivas dos “últimos selvagens” à boemia e arte parisiense?⁴⁵

Essa mesma relação de superioridade e inferioridade fotografada por Reynard pode ser observada na matéria escrita por ele em janeiro de 2022 e analisada anteriormente. Essa visão de extrema diferença em relação “ao outro” também pode ser observada no texto escrito por Scott Wallace quando este afirma que os flecheiros ainda vivem em um “neolítico virtual”. Ou seja, considera que a humanidade está em um progresso evolutivo ao longo tempo, sendo que

⁴⁵ Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>. p. 53.

os ocidentais vivem no “mundo contemporâneo e civilizado” e os indígenas isolados vivem no passado, ainda no “tempo da pedra”.

A matéria seguinte, de dezembro de 2003, tem texto e fotos de Luciano Candisani, já apresentado anteriormente, e o título “Os macacos hippies: com até 1,5 metro de comprimento, os muriquis já foram chamados de “gorilas do Brasil”. Mas a melhor característica desses primatas está em suas relações sociais: cheias de amizade, afeto, amor sem brigas e vida comunitária”.

Muito mais visual, a descrição do comportamento, tamanho, relações sociais, alimentação, entre outras informações estão nas legendas que acompanham as fotos. A primeira fotografia é de página dupla e mostra uma fêmea muriqui junto a seu bebê no alto de uma árvore. Em seguida há imagens dos muriquis bebendo água em uma poça, em um grande abraço grupal e depois a segunda imagem de página dupla é de um muriqui se alimentando de flores amarelas.

Há várias imagens desses primatas pulando e se movimentando no alto das árvores, sendo esta atividade registrada também na última fotografia de página dupla. E por fim, há uma foto de Alexandre Bastos, pesquisador dos muriquis, na floresta observando os animais e de um muriqui-do-sul sendo cuidado por um veterinário.

O último artigo é de março de 2004 e tem como título “Hotspots: Mata Atlântica – o primeiro gesto dos portugueses colonizadores, em 1500, foi derrubar uma árvore. Tem sido assim desde então. Hoje, com apenas 7% de sua área original, a valiosa floresta tropical litorânea do Brasil discute meios de preservar o que ainda restou de sua biodiversidade”. Foi escrito pela norte-americana Virginia Morell, que é autora e colaboradora regular das revistas *National Geographic* e *Science*⁴⁶, e tem fotografias de Mark W. Moffett, ecologista e fotógrafo especialista em pequenos animais⁴⁷.

Morell inicia comparando a biodiversidade da Mata Atlântica com a Amazônia, a diferença é que a primeira está muito mais próxima de grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, o que a deixa ainda mais vulnerável à degradação. Este bioma já vem sendo devastado desde a chegada dos portugueses ao Brasil com a exploração do pau-brasil e o início do monocultivo de cana-de-açúcar.

Acompanhada pelo biólogo Adriano Chiarello, a autora visita um dos santuários da Mata Atlântica: a Estação Biológica de São Lourenço, no Espírito Santo. O bioma que antes ocupava

⁴⁶ Simon & Schuster, **Virginia Morell**, © 2025. Disponível em: <https://www.simonandschuster.com/authors/Virginia-Morell/1933839>.

⁴⁷ The Photo Society, **Mark W. Moffet**, ©2022. Disponível em: <https://thephotosociety.org/member/mark-moffett/>

desde o litoral do Nordeste até o Uruguai, hoje só tem 7% da sua extensão original. Essa redução impacta significativamente nos animais que vivem na Mata Atlântica, como a preguiça-de-coleira estudada por Chiarello. Os pesquisadores afirmam que esta espécie está em risco de extinção devido a redução da variabilidade genética. Por falta de habitats esses animais se reproduzem constantemente entre si, e para tentar solucionar esse problema os pesquisadores estudam meios de realocar alguns animais entre as florestas e também criar “corredores de vegetação” que permitam a mobilidade não só das preguiças, mas de muitos outros animais.

Como por exemplo o mico-leão-dourado, espécie estudada por Marina Lapenta na Reserva Biológica do Poço das Antas. A bióloga integra o Projeto Mico-Leão-Dourado criado na década de 1960 como forma de preservar os últimos 150 animais sobreviventes. Sua população estava criticamente reduzida devido a caça e a destruição do habitat. Graças à proteção e preservação, atualmente há mais de mil desses animais.

Apesar do sucesso das entidades e grupos de preservação, proibição da caça e do desmatamento, a Mata Atlântica, por ficar muito próxima de ocupações humanas, corre risco constante. Um exemplo são os agricultores que queimam seus campos após a colheita e na maior parte das vezes esse fogo chega as reservas florestais. Morell finaliza a matéria com esperança, apesar das constantes degradações há um enorme esforço dos pesquisadores e ecologistas em preservar o pouco que resta desse rico bioma.

Nas imagens, Moffett faz questão de mostrar ao leitor as principais características da Mata Atlântica por meio de fotos dos animais (sapo-pulga, preguiça-de-coleira, muriquis-do-norte, saíra-dourada, anta e ouriço-preto) nos habitats em que vivem. As fotografias de página dupla são de um mico-leão-dourado no alto de uma árvore, uma vista aérea do Cristo Redentor cercado pela Floresta da Tijuca, de uma flor-da-imperatriz e do pesquisador Márcio Martins tentando capturar uma jararaca-ilhoa na ilha da Queimada Grande, em São Paulo.

Há ainda fotografias de um parque rodeado pela cidade de Belo Horizonte, pilhas de eucalipto cultivados no Espírito Santo, da pesquisadora Vera Lúcia com uma preguiça resgatada no colo, do pesquisador Roberto Azeredo com um mutum-de-alagoas, corredores de vegetação entre plantações de cana-de-açúcar e de um casal sem-terra que ocupam uma fazenda abandonada próximo à Reserva Biológica do Poço das Antas.

Ao analisar as 11 matérias em conjunto, a característica inicial mais evidente é o número de páginas, em que as matérias escritas por brasileiros são sempre menores do que as matérias traduzidas. Observando-as com mais profundidade e partindo do mesmo princípio que Xavier e Chaves ao analisarem as capas da National Geographic Brasil, de que

a maneira como o Brasil é representado nas capas da National Geographic Brasil nos educa geograficamente. Assim, buscamos compreender o porquê podemos pensar em determinadas regiões do Brasil, e imaginar certas características, sem ao menos de fato conhecermos aquele lugar fisicamente. Ao fazermos essas associações, muitas vezes trazemos características pouco condizentes com a realidade, sendo apenas traços de um real que geram diferentes imaginários geográficos em nossa mente⁴⁸.

Assim a forma como as matérias são narradas e construídas visualmente geram grandes impactos no público leitor. E aí residem as maiores diferenças entre as matérias escritas por autores brasileiros e autores estrangeiros. Nas matérias traduzidas o Brasil aparece de duas formas: como um local secundário, mas que integra o espaço documentado como é o caso das matérias de maio de 2001, sobre as onças-pintadas, e junho de 2003, sobre a Transoceânica. Ou então, quando o Brasil é o foco das matérias, os assuntos abordados são os grandes biomas como a Amazônia e a Mata Atlântica.

Nas matérias sobre a Amazônia, de janeiro de 2002 e agosto de 2003, ambas tratam do mesmo tema: os indígenas isolados. E assim como observado anteriormente, os autores Nicolas Reynard e Scott Wallace, sendo ocidentais pertencentes ao norte global, têm uma visão de superioridade a esses povos. Suas narrativas são construídas em tom de aventura, de descoberta de algo novo e intocado, quase como se fossem grandes exploradores da ficção, como Indiana Jones, em busca de um tesouro escondido. É o que Souza nomeia de

intenções humanistas, [que] revelam-se cheias de ambiguidade ao construir imagens que, se por um lado mostram que todos os seres humanos são iguais, os “outros” são exóticos e de uma cultura evolutiva inferior, com padrões de desenvolvimento e regras sociais nada aceitáveis aos moldes ocidentais⁴⁹.

A única matéria que destoa dessa lógica é a de março de 2004, sobre a Mata Atlântica. Nela não há nenhum comentário que coloque as pessoas que vivem e trabalham ali como inferiores. Pelo contrário, a autora exalta a beleza natural do bioma, assim como as políticas de preservação e os esforços dos ecologistas. Ao mesmo tempo ressalta os problemas existentes, como as práticas de queimada e a resistência de alguns a implantação dos corredores de vegetação, mas faz isso sem depreciar ninguém.

⁴⁸ Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>. p. 55.

⁴⁹ Souza, Daniel Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: a Identidade Visual Criada Pelas Imagens dos Povos do Oriente Médio Publicadas na *National Geographic*. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 4 n. 4 p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/363/383>. p. 133-134.

De modo semelhante ocorre nos artigos brasileiros, em que os autores sempre seguem uma narrativa que desperte o orgulho do leitor brasileiro por seu país e as diferentes características, nestes casos naturais, existentes. Os problemas e/ou pontos negativos não são omitidos, mas as matérias sempre terminam em tom animador e esperançoso. É quase como se dissessem “ainda não chegamos no nível ideal, mas estamos caminhando para alcançá-lo”.

Essas narrativas influem na sociedade brasileira contemporânea, e assim ao mostrar o Brasil como um país preocupado em preservar suas riquezas naturais, os leitores se convencem e se reconhecem nessas narrativas. Isso pode levar, inclusive, a mudanças de hábitos que gerem uma maior comoção e adesão da sociedade quanto as práticas de conservação.

II. PROPOSTA DE SEQUENCIAMENTO DIDÁTICO

Considerando as implicações observadas na análise e a importância da influência que a mídia (jornais, revistas, redes sociais, entre outros) exercem na formação da opinião da população, esta proposta de sequenciamento didático faz uso das revistas da National Geographic Brasil para propor discussões e uma atividade relacionada a divulgação e a memória social de locais afetados por desastres ambientais que impactam profundamente a fauna e a flora, como também as pessoas que viviam no local.

As questões relacionadas a natureza no currículo escolar são fundamentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, que propõe em seu artigo 8 que

Art. 8º A Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico⁵⁰.

Sendo assim, cabe também ao currículo de História propor debates sobre problemas ambientais que impactam socialmente, economicamente e culturalmente a vida da população local, a memória que será mantida por essa mesma população e a memória social compartilhada por aqueles que não vivenciaram diretamente o conflito.

O Sequenciamento Didático foi elaborado para o 1º ano do Ensino Médio, podendo ser adaptado para outras séries do Ensino Médio e Ensino Fundamental. Este material está ancorado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), principalmente nas seguintes competências:

- (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros)⁵¹.

⁵⁰ Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2012, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Art. 8º.

⁵¹ Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018, p. 560.

- (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta⁵².

Além disso, este Sequenciamento Didático faz uso da ideia de Educação Ambiental apresentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, que propõe

avançar na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental, envolvendo o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando, assim, a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram⁵³.

Para isso, foi pensado uma sequência de três aulas que tem como objetivo principal estimular os estudantes a identificarem e analisarem as mudanças e os conflitos ambientais ao longo do tempo por meio de fontes históricas sob a perspectiva da memória social. A primeira aula é dedicada a uma maior explicação sobre a revista National Geographic Brasil, sua história, seu estilo de jornalismo, suas características ilustrativas, entre outras, a partir das obras de Rafael Baitz⁵⁴ e Marcelo Salcedo Gomes⁵⁵.

A segunda aula é uma atividade prática em que os estudantes, baseados nas matérias jornalísticas da National Geographic Brasil, irão elaborar uma história em quadrinhos sobre um desastre ambiental, historicizando-o, abordando suas consequências e sua atual situação. A produção de uma história em quadrinhos foi escolhida pensando que

O fato de serem lúdicos e ficcionais não impede que o historiador utilize quadrinhos no ensino de História (...). Os estudos da área do ensino têm explorado a importância da inserção de variadas linguagens nas salas de aula, e as HQs constituem linguagem singular através da qual fatos, épocas e ideias são vividos por personagens, dando escala textual e imagética a tais elementos. Além disso, os quadrinhos promovem a leitura, a interpretação e a imaginação, aspectos diretamente relacionados às aulas de

⁵² Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018, p. 562.

⁵³ Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CP n. 14/2012, de 6 de junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10955-pcp014-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. p. 9.

⁵⁴ Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

⁵⁵ Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

Linguagens, mas também fundamentais para as Humanidades e, especificamente, para a História⁵⁶.

A terceira e última aula será destinada a apresentação das histórias criadas pelos alunos a fim de que todos conheçam os trabalhos feitos pelos demais colegas. Dessa maneira, propõe-se, mesmo que brevemente, uma maneira de abordar a Educação Ambiental por meio dos métodos do ofício do historiador e da visão crítica própria dessa ciência.

⁵⁶ Lima, Douglas Mota Xavier de. História em quadrinhos e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 11, p. 147-171, 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/332>. p. 168.

Plano de Aula

Disciplina:	História
Série e nível:	1º ano do Ensino Médio
Carga Horária:	50 minutos

Tema
Memória Coletiva e Conflitos Ambientais: problematizações a partir da revista National Geographic Brasil

Objetivos

Objetivo Geral:	Reconhecer e analisar as mudanças e os conflitos ambientais ao longo do tempo por meio de fontes históricas sob a perspectiva da memória social.
------------------------	--

Objetivos Específicos:	• Compreender que desastres ambientais são fenômenos históricos, resultantes de processos sociais, econômicos e políticos; • Identificar as causas e consequências de diferentes desastres ambientais.
-------------------------------	---

Habilidades Previstas na BNCC
(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (Brasil, 2018, p. 560). (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta. (Brasil, 2018, p. 562)

Conteúdo
Esta aula não possui um conteúdo tradicional específico, no entanto, aborda de forma indireta os assuntos da disciplina de História a fim de promover a consciência histórica nos estudantes. • História Ambiental O eixo principal da aula está em evidenciar os desastres ambientais como processos históricos e não como acidentes isolados e também de entender as relações e as consequências desses desastres com as sociedades atingidas. Ao usar exemplos de artigos da National Geographic

Brasil, a aula visa destacar que a conservação, ou a falta desta, em certos lugares são resultados de escolhas políticas e sociais.

- **Memória e Esquecimento**

A memória é um conceito fundamental na História e a partir da aula expositiva os estudantes irão se deparar com o debate de quem tem direito à memória, a relação entre lembrar e esquecer, e os processos de apagamento e silenciamento.

Metodologia

Esta aula será dividida em três momentos:

1º momento (20 minutos): Apresentação da revista National Geographic Brasil, suas características principais, organização interna, importância científica, entre outros. Será dada uma ênfase maior nos artigos que envolvem a natureza brasileira, sua destruição e/ou conservação.

2º momento (20 minutos): Serão apresentados outros exemplos de conflitos ambientais, como o rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho, o afundamento dos bairros de Maceió e outros menos famosos como é o caso dos impactos da mineração de amianto na cidade de Minaçu-GO e a contaminação de metais pesados por descarte irregular da Companhia Brasileira de Chumbo (Cobrac) em Santo Amaro-BA. A partir disso será aberto o debate, quais conflitos ambientais têm direito à memória?

3º momento (10 minutos): Ao final da aula, será apresentada a proposta de atividade prática a ser realizada na próxima aula. Em grupo (de quatro a cinco integrantes) os estudantes produzirão uma história em quadrinhos curta em que abordarão um conflito ambiental, contarão sua história e porque este deve ser lembrado. O intuito de apresentar a atividade com antecedência é permitir que os grupos decidam o conflito ambiental que irão retratar e tenham tempo de realizar uma pesquisa prévia.

Recursos

Voz, projetor, slides.

Avaliação

A avaliação será feita de forma qualitativa ao longo da aula a partir da participação e das perguntas dos estudantes.

Referências

Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2012, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 dez. 2025.

Drummond, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 177-197. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2319>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Gomes, Marcelo Salcedo. A Mdiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

Mahl, Marcelo Lapuente; Martinez, Paulo Henrique. História Ambiental: entre o passado e o futuro. **Nova Revista Amazônica**, vol. 9, n. 3, dez. 2021, p. 105-116. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/11721>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Worster, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8. 1991, p. 198-215. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2324>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Plano de Aula

Disciplina:	História
Série e nível:	1º ano do Ensino Médio
Carga horária:	50 minutos

Tema
Memória Coletiva e Conflitos Ambientais: problematizações a partir da revista National Geographic Brasil

Objetivos

Objetivo Geral:	Reconhecer e analisar as mudanças e os conflitos ambientais ao longo do tempo por meio de fontes históricas sob a perspectiva da memória social.
------------------------	--

Objetivos Específicos:	• Comparar diferentes narrativas (vítimas, empresas, Estado, etc.) acerca dos desastres ambientais; • Selecionar e organizar as informações pesquisadas na produção da História em Quadrinhos.
-------------------------------	---

Habilidades Previstas na BNCC
(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (Brasil, 2018, p. 560). (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta. (Brasil, 2018, p. 562).

Conteúdo
• Metodologia Histórica Ao construírem seu trabalho, os estudantes simulam uma atividade prática do ofício do historiador de interpretar o passado e organizar as informações encontradas de forma lógica e organizada. Além disso, a mobilização e interpretação das fontes, a organização das memórias e a construção da narrativa histórica, proporcionam que os discentes atuem na construção do conhecimento histórico e assim percebam que a História não é apenas um acúmulo de datas e nomes.

- **História Contemporânea (Séculos XX e XXI)**

O contexto histórico abordado nesta sequência didática é o período denominado de História Contemporânea, com enfoque nos séculos XX e XXI. É neste contexto que estão inseridos os exemplos citados na aula expositiva e na atividade prática por meio dos desastres ambientais escolhidos pelos estudantes para serem representados. Esses desastres são mais recorrentes e mais graves nos últimos séculos pois são resultado do modelo industrial iniciado com a Revolução Industrial no século XIX e acelerado após os modelos de produção fordista, taylorista e toyotista.

- **História em Quadrinhos**

Além das habilidades que envolvem a metodologia histórica, já anteriormente citadas, a atividade prática permite aos estudantes também desenvolverem, ao construírem sua própria história em quadrinhos, a criatividade, o uso de nova linguagem artística, a capacidade de narrar logicamente os fatos e ao mesmo tempo ilustrá-lo, entre outros.

Metodologia

Esta aula será realizada no espaço do refeitório da escola, ou em outro local em que haja mesas amplas que permitam o desenvolvimento da atividade:

1º momento (5 minutos): Deslocamento dos discentes para o refeitório

2º momento (40 minutos): Confecção da história em quadrinhos sobre o desastre ambiental escolhido pelo grupo por meio de desenhos. Os quadrinhos devem contar a história do local do desastre, como este se deu, suas consequências e a situação atual.

3º momento (5 minutos): Retorno para a sala de aula.

Recursos

Voz, folha A4, régua, lápis, canetinha, caneta e borracha.

Avaliação

A avaliação será feita de forma qualitativa considerando o envolvimento dos estudantes na elaboração da atividade prática.

Referências

Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2012, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 dez. 2025.

Lima, Douglas Mota Xavier de. História em quadrinhos e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 11, p. 147-171, 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/332>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Silva Júnior, Astrogildo Fernandes; Rodrigues, Fabiana Conceição de Moura Gonçalves. Histórias em quadrinhos e ensino de História: olhares e práticas. **OPSIS**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 66-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/19816>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Vasconcellos, Bruna; Goldchmit, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Design de Informação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671/399>.

Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>.

Plano de Aula

Disciplina:	História
Série e nível:	1º ano do Ensino Médio
Carga Horária:	50 minutos

Tema
Memória Coletiva e Conflitos Ambientais: problematizações a partir da revista National Geographic Brasil

Objetivos

Objetivo Geral:	Reconhecer e analisar as mudanças e os conflitos ambientais ao longo do tempo por meio de fontes históricas sob a perspectiva da memória social.
------------------------	--

Objetivos Específicos:	• Argumentar, por meio de fontes históricas confiáveis, a importância de lembrar um determinado desastre; • Reconhecer a importância da memória histórica na prevenção de novos desastres.
-------------------------------	---

Habilidades Previstas na BNCC
(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). (Brasil, 2018, p. 560). (EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta. (Brasil, 2018, p. 562).

Conteúdo
• Divulgação do conhecimento científico A socialização e a validação do conhecimento histórico produzido pelos estudantes são de grande importância, pois trabalha dois dos pilares da construção do conhecimento científico: a divulgação e o debate entre pares. A exposição das histórias em quadrinhos feitas pelos próprios estudantes, além de cumprir o objetivo da divulgação, permite visualizar a máxima de que a história coletiva é formada pelo conjunto de histórias individuais.

- **Metodologia Histórica**

Assim como na aula anterior, esta trabalha conceitos da prática histórica por meio da exposição dos trabalhos realizados. Durante a apresentação o grupo aborda como escolheu determinado desastre ambiental (escolha da fonte), como foi feita a pesquisa, como esta foi interpretada (análise e crítica da fonte) e como representaram o desastre por meio de desenhos e narrativas na HQ (narrativa histórica). E a própria apresentação, como dito acima, também faz parte do ofício do historiador, que é a divulgação científica dos resultados do trabalho realizado.

Metodologia

Esta aula terá dois momentos:

1º momento (45 minutos): Cada grupo de estudantes apresentará brevemente o desastre ambiental retratado na história em quadrinhos, abordando o porquê da escolha e a importância de lembrar dele.

2º momento (5 minutos): Encerramento da proposta e momento das considerações por parte dos estudantes sobre as aulas e a atividade realizada.

Recursos

Voz e quadrinhos produzidos pelos estudantes.

Avaliação

As apresentações e as atividades dos discentes serão avaliadas por meio de nota, considerando os critérios exigidos, como qual é o local escolhido, a justificativa da escolha relacionada com a vivência do estudante e as principais características do local.

Referências

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2012, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 dez. 2025.

Souza, Daniel Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: a Identidade Visual Criada Pelas Imagens dos Povos do Oriente Médio Publicadas na National Geographic. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 4 n. 4 p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/363/383>.

Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de construção do catálogo e análise dos artigos selecionados observou-se um pouco como é a percepção do público leitor, principalmente por meio da seção Fórum em que foram apresentados trechos de cartas enviadas pelos leitores à equipe de edição da National Geographic Brasil. Obviamente esses trechos são recortes das percepções dos leitores, mas já oferecem uma pequena amostra de como os artigos apresentados são recebidos. Por conta disso, é importante que seja feita uma leitura crítica buscando compreender não apenas o texto e as fotografias em si, como também as intenções não explícitas por detrás dos trechos.

Assim como dito anteriormente ao final do capítulo de análise do catálogo, a forma como os autores brasileiros abordam a natureza do Brasil, evidenciando suas características e a importância de sua preservação, pode levar, se não a uma mudança de atitude, talvez a uma mudança de pensamento. Esse trabalho de conscientização pode contribuir, assim como diz a epígrafe, na fala de Aílton Krenak, no rompimento da ideia de que a humanidade vive separada da natureza.

Sendo assim, acredita-se que a Proposta de Sequenciamento Didático é uma contribuição ao Ensino de História pois busca apresentar temas relacionados a desastres ambientais e a preservação das memórias e do meio ambiente. Tratar de tais assuntos em sala de aula é um desafio, pois, sabe-se que em tempos como o que vivemos, de negacionismo climático, desmonte e tecnificação da educação, a reflexão e a construção do pensamento crítico não são bem vistos. E justamente devido a isso, este trabalho e esta proposta didática buscam apresentar um recorte pouco trabalhado na educação básica, de forma criativa e adotando metodologias ativas que envolvam os estudantes.

Assim, este trabalho analisou as narrativas apresentadas em artigos da Revista National Geographic Brasil entre os anos 2000 e 2004, que abordam a natureza brasileira, comparando quando estes são escritos por autores brasileiros e autores estrangeiros. No entanto é preciso ressaltar que este é um trabalho inicial feito a partir de um recorte, ainda pouco explorado e que possui múltiplas possibilidades. Há ainda um montante de revistas a serem incluídas no catálogo e tantos outros temas a serem abordados, tanto pela ótica da História Ambiental, como por outras áreas da historiografia.

REFERÊNCIAS

Adriano Augusto Gambarini, **O Autor**, © 2002-2025. Disponível em: <https://www.adrianogambarini.com/autor/>. Acesso em: 30 set. 2025.

Araquém Alcântara, **Bio**, © 2025. Disponível em: <https://araquemalcantara.com/bio/>. Acesso em: 29 set. 2025.

Arias, Luiza Coutinho. O catálogo e o seu uso: as tarefas do usuário e as seis fases do processo de referência. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, XXVIII, 2019, Vitória-ES. Anais [...]. Vitória-ES, CBBD, 2019. p. 1-6. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2047>. Acesso em: 20 jan. 2026.

Babelio, **Nicolas Reynard**, © 2007-2025. Disponível em: <https://www.babelio.com/auteur/Nicolas-Reynard/218322>. Acesso em: 01 out. 2025.

Baitz, Rafael. Imagens da América Latina na Revista *The National Geographic Magazine* (1895-1914). **Tese (Doutorado em História)** – Departamento de História, Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CP n. 14/2012, de 6 de junho de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10955-pcp014-12&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 dez. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n. 2/2012, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 dez. 2025.

Gomes, Marcelo Salcedo. A Midiatização do Contato nos Retratos da National Geographic. **Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)** – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

IFLA. **Declaração dos Princípios Internacionais de Catalogação**. Tradução de: Marcelo Votto Teixeira. 2016. Disponível em: https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/cataloguing/icp/icp_2016-pt.pdf. Acesso em: 20 jan. 2026.

Lorenzi, Harri José. **Currículo Lattes**. 24 mai. 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0190790711106499>. Acesso em: 06 out. 2025

Luciano Candisani, **Bio**, [s. d.]. Disponível em: <https://lucianocandisani.com/sobre/#bio>. Acesso em: 29 set. 2025.

Mirada, **Notícias da Floresta em Extinção** | Antonio Paulo Pavone, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.miradajanela.com/2022/03/noticias-da-floresta-em-extincao.html>. Acesso em: 03 out. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. São Paulo: Abril, ano 1, n. 1 (maio 2000) – ano 5, n. 47 (mar. 2004).

National Geographic, **Steve J. Winter**, © 2025. Disponível em: <https://explorers.nationalgeographic.org/directory/steve-j-winter>. Acesso em: 30 set. 2025.

PhotoShelter, **Maria Stenzel**, [s. d.]. Disponível: <https://mariastenzel.photoshelter.com/about>. Acesso em: 06 out. 2025.

Pulitzer Center, **Ronaldo Ribeiro: AMAZON RJF GRANTEE** [s. d.]. Disponível: <https://pulitzercenter.org/pt-br/people/ronaldo-ribeiro>. Acesso em: 29 set. 2025.

Simon & Schuster, **Virginia Morell**, © 2025. Disponível em: <https://www.simonandschuster.com/authors/Virginia-Morell/1933839>. Acesso em: 11 out. 2025.

Souza, Daniel Meirinho. A Fotografia Enquanto Representação do Real: a Identidade Visual Criada Pelas Imagens dos Povos do Oriente Médio Publicadas na *National Geographic*. **Observatorio (OBS*) Journal**, v. 4 n. 4 p. 117-137, 2010. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/363/383>. Acesso em: 24 set. 2025.

Ted Conover, **Bio**, © 2024. Disponível em: <https://tedconover.com/bio/>. Acesso em: 06 out. 2025.

The Photo Society, **Mark W. Moffet**, ©2022. Disponível em: <https://thephotosociety.org/member/mark-moffett/>. Acesso em: 11 out. 2025

University of Connecticut. **Department of Journalism**, [s. d.]. Scott Wallace. Disponível em: <https://journalism.uconn.edu/scott-wallace/>. Acesso em: 08 out. 2025.

Vasconcellos, Bruna; Goldchmit, Sara Miriam. Narrativas visuais fotográficas na revista National Geographic Brasil: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Design de Informação**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 143-156, 2019. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/671/399>. Acesso em: 24 set. 2025.

Vital Ground Foundation, **About Us**, © 2025. Disponível em: <https://www.vitalground.org/about-connecting-one-landscape-protecting-wildlife/>. Acesso em: 30 set. 2025.

Vital Ground Foundation, **Douglas H. Chadwick**, © 2025. Disponível em: <https://www.vitalground.org/team/douglas-h-chadwick/>. Acesso em: 30 set. 2025

Xavier, Marcus Vinícius de Lima; Chaves, Ana Paula Nunes. O Contexto das Imagens nas Capas da Revista National Geographic Brasil. **Pesquisar**, Florianópolis, n. 19, v. 10, p. 46-52, mai. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/93774/53285>. Acesso em: 23 set. 2025.

ANEXOS**Anexo A – Catálogo da Revista National Geographic Brasil (2000-2004)**